



ERRÂNCIA DOS DESEJOS: TERRITÓRIOS E SUJEITOS MARGINAIS NO CENTRO DA CIDADE DE SALVADOR NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

Eric Ferreira Souza ¹

O presente artigo tem como objetivo apresentar algumas reflexões e considerações sobre o trânsito de sujeitos marginais no centro da cidade de Salvador, nas primeiras décadas do século XX, nos múltiplos territórios que configuravam e, ainda, configuram, a busca do prazer e a satisfação dos mais diversos desejos e anseios dos sujeitos marginais.

Fundada na metade do século XVI, a cidade de Salvador viu o seu perímetro urbano crescer de forma tímida até o século XVIII, ficando restrita às áreas próximas ao seu porto, em torno do qual a vida econômica, social e cultural girava, e ao conjunto de ruas, becos e pequenos largos que deviam o seu traçado à cartografia original da cidade.

As primeiras mudanças expressivas começaram a ocorrer no século XIX e, como não poderia deixar de ser, foram obras feitas na parte baixa do núcleo, no estreito *graben* que foi sendo expandindo com a conquista de terras ao mar, numa empreitada que envolveu o poder público e a iniciativa privada, representada pelos setores interessados na ampliação do porto, como os donos dos trapiches.

Na segunda metade do século XIX, o esboço de uma nova cartografia começava a se materializar, com o alargamento da Cidade Baixa, a abertura de novas ruas, a demolição de antigas edificações, a expulsão de muitos dos seus tradicionais moradores e a tentativa de adequação dos sujeitos que se mantiveram naquele espaço, ao novo contexto².

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu – de Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo da Universidade Federal da Bahia – UFBA/PPGNEIM, Mestre em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo pela Universidade Federal da Bahia – UFBA/PPGNEIM, Licenciado em História pela Universidade Católica do Salvador – Bahia – UCSal. Atualmente, além das suas atividades de pesquisa, é servidor público da rede estadual de ensino no Estado da Bahia e leciona as disciplinas de História Geral e Atualidade no Colégio Nobre de Feira de Santana – BA.

² As questões vinculadas às transformações urbanas implementadas no centro da cidade de Salvador na primeira metade do século XX, podem ser analisadas com base em trabalhos como o de Milton Santos e Eloísa Petti Pinheiro, que analisam as mudanças ocorridas desde o século XIX, destacando a importância do período da administração seabrista na primeira metade do século XX.



Nesse momento dois processos se desenvolvem paralelamente: um relacionado ao início de um processo de des-re-territorialização³ conduzido pelo poder público e outro relacionado a uma des-re-territorialização conduzida pelos sujeitos que habitavam ou circulavam pela área e que se viram forçados a se posicionarem diante das mudanças.

Porém, é na primeira metade do século XX que as mudanças mais profundas ocorreram. Estas se deram a partir da implementação de um conjunto de reformas urbanas que atendiam aos interesses do poder público e de setores urbanos emergentes locais, que, também, estavam em consonância com um projeto político republicano, que se vinculava à República recém proclamada, à chegada da pretensa civilização e da modernidade ao país, num processo no qual a idéia de ordem era recorrente⁴.

A alteração na conformação territorial da área central e portuária da cidade pelo poder público conduziu ao estabelecimento de novas relações de poder com os moradores e frequentadores desses territórios, levando a construção de uma cartografia baseada na tentativa de disciplinamento dos sujeitos marginais.

A modificação física da área foi a parte mais visível de um processo de controle social, que buscou des-re-territorializar os sujeitos dos seus espaços domésticos, lúdicos, religiosos, afetivos, entre outros.

Contudo, as obras de engenharia estavam atreladas a outras formas de intervenções que atuaram sobre os corpos-territórios dos sujeitos e as estruturas simbólicas nas quais estavam inseridos.

Entre os processos de controle social, a utilização pelo Estado de discursos higienistas e sanitaristas serviu para a demolição de territórios de sociabilidades marginais, à invasão de residências, ao cadastramento de sujeitos considerados “desviantes” em órgãos de saúde, à campanhas contra o uso de substâncias psicoativas. Enfim, os mais diversos mecanismos de

³ Conceitos e idéias ligadas a des-re-territorializações, linhas de fuga, desejo, cartografias entre outros, estão diretamente associadas às recentes mudanças no mundo capitalista contemporâneo. Porém, se esses processos estão exacerbados nos dias atuais, eles sempre existiram em menor escala durante séculos de história. Para um aprofundamento nestas discussões é aconselhável a leitura das obras de Félix Guattari, Gilles Deleuze, Suely Rolnik e Rogério Haesbaert.

⁴ Para um maior entendimento da relação entre o momento histórico, o projeto de nação republicano e os discursos de teor médico-sanitaristas, jurídicos, policiais e morais que embasaram as intervenções dos poderes públicos, não só na cidade de Salvador, mas em outros grandes centros urbanos brasileiros na primeira metade do século XX, é fundamental a leitura das obras de Mariza Correa, Magali Engels, Margareth Rago e Lílian M. Schwarcz.



controle social foram utilizados para legitimar as medidas repressivas que buscavam controlar os deslocamentos dos sujeitos marginais.

O saneamento de áreas insalubres, o cadastramento e a fiscalização de casas de tolerância e botecos que vendiam ilegalmente bebidas, o recolhimento de mendigos e loucos aos asilos e hospitais, contavam comumente com a participação da polícia, que ao ser a responsável legal pela manutenção da ordem pública, transformava os discursos jurídicos, médico-sanitaristas e modernizadores em ações concretas⁵.

A associação dos discursos médicos, jurídicos, urbanísticos, higiênico-sanitaristas e morais foi determinante para que o poder público tentasse remodelar o centro da cidade, expurgando dos seus limites uma diversificada população marginal que vivia na área ou a utilizava para as suas vivências de prazer.

O cotidiano de decaídas, pervertidos, menores, bêbados, loucos, jogadores, malandros, vadios, ambulantes, mendigos, caftens e cafetinas que pode ser levantado a partir dos registros das brigas, detenções, algazarras, queixas em jornais e delegacias, golpes aplicados em incautos, bebedeiras nas ruas e em pontos comerciais, atentados ao pudor, prisões por lenocínio e outras práticas delituosas, devidamente registradas, demonstram como esses sujeitos se deslocavam pelo centro da cidade, construindo complexas redes de sociabilidades, baseadas no sexo, no consumo de bebidas alcoólicas, na camaradagem dos bandos e das mesas de jogos⁶.

As sociabilidades se definiam a partir de territórios marginais identificados com a busca por prazer, com a possibilidade de transgressão das normas socialmente aceitas. Portanto, o território que o poder público tentava civilizar era pontuado por cabarés, botequins, restaurantes, *dancings*, casas de pensão, hotéis, terrenos baldios, becos escuros e corpos-territórios, onde os desejos pulsavam e conduziam os sujeitos para a construção das suas linhas de fuga.

⁵ A análise do corpo documental proveniente das delegacias e dos órgãos judiciários, de fundamental importância para se entender os deslocamentos dos sujeitos pelo espaço público, as conexões entre delegacias, hospitais psiquiátricos e asilos, além da relação entre o aparato policial e o jurídico, pode ganhar uma maior profundidade com a leitura das obras de Boris Fausto e Marcos L. Bretas.

⁶ Para uma análise mais sólida do cotidiano de sujeitos marginais, enquanto objeto de inquestionável valor para a compreensão dos processos históricos, é recomendável a leitura das obras de Michel de Certeau, Giovanni Levi, Maria Izilda S. Matos e Edward P. Thompson.

Bibliografias específicas devem ser usadas para o estudo de cada um dos sujeitos que transitavam performaticamente pelos territórios marginais. Para os homossexuais/pervertidos as obras de Edward MacRae, Peter Fry, Júlio Simões, Nestor Perlongher e James N. Green. Para as prostitutas/decaídas, cafetinas e rufiões as obras de Martha Abreu Esteves, Magali Engels, Margareth Rago, e para os mendigos, vadios e loucos as obras de Walter Fraga Filho e Michel Foucault.



Os desvelamentos das linhas de fuga demonstram como os sujeitos marginais, ao construírem suas redes de sociabilidades, forjavam mecanismos que de forma individual ou coletiva asseguravam a sua permanência na área.

Portanto, os sujeitos marginais não ficaram passivos diante da ação do poder público, partiram para o enfrentamento direto ou para a elaboração de sutis processos de negociação. No primeiro caso, estão às desobediências explícitas a polícia, as agressões físicas aos guardas de ronda, o não cumprimento de posturas municipais como as que regulavam a venda e o consumo de bebidas, a exposição de corpos nus nas vias públicas, entre outras.

No campo das resistências negociadas os sujeitos marginais lançavam mão do sexo em troca da proteção de quem incorporava o poder na área, ou acatavam as determinações de delegados e comissários de polícia para manterem os seus negócios funcionando, ou faziam uso dos mecanismos que os reprimia para legalmente se protegerem.

Dessa forma, os sujeitos marginais construíram novas territorialidades que no plano geográfico, simbólico ou corporal se opuseram ao que o poder público tentava estabelecer. Isto fica claro na busca empreendida pelo poder público pelo ordenamento e disciplinamento da área através do estabelecimento de uma Cartografia da Disciplina e no aparente caos que regia os territórios marginais, mas que resultava de uma configuração de poder diferente da anterior.

Os freqüentes estranhamentos entre os sujeitos, a permanente tensão sexual das ruas, a violência codificada em novas bases, o deslocamento incessante dos corpos, decorriam das pulsões dos desejos que eram responsáveis pelos deslocamentos dos marginais pela área.

As formas de sociabilidades se definiam a partir dos trajetos dos sujeitos pelas ruas, o que expunha as múltiplas possibilidades de agenciamentos entre os sujeitos, o que impossibilita o enquadramento dos sujeitos e dos seus deslocamentos em categorias binárias e reducionista, pois o motor das des-re-territorializações era o desejo que na sua essência sempre foi plural.

A fluidez que os sujeitos adquiriam nos seus deslocamentos de desejo pela área determinava a formação de uma cartografia marcada pela inconstância das fronteiras, pela possibilidade de uma maior desconstrução dos sujeitos, pela existência de codificações específicas e pela forte presença das subjetividades, que se constituía, portanto, numa cartografia dos desejos.

A cartografia marginal pode ser demarcada com base em dois conjuntos de informações: no primeiro as suas fronteiras estão nos cabarés, botequins, casas de jogos ilegais, *dancings*, terrenos baldios, hotéis e casas de pensão, ou seja numa rede de territórios propiciadores de encontros; no



segundo, as fronteiras estão nos corpos-territórios que se deslocam territorializando o desejo num olhar, num toque de mão, num beijo, num exibicionismo na via pública, num olhar *voyeur* por uma fechadura.

Os processos de des-re-territorialização promovidos pelos sujeitos marginais, por terem como vetor o desejo que só existe numa perspectiva relacional, estiveram marcados por múltiplos tensionamentos, que eram permeados por questões de classe, raça, geração e gênero.

As tensões cotidianas ganhavam no território do gênero contornos muito mais complexos, por estarem investidas de uma carga desconstrucionista que lhes conferia um perfil “revolucionário”, ao explicitar a impossibilidade de compreensão da dinâmica de poder e a lógica das sociabilidades marginais, centradas nos binarismos Homem/mulher e masculino/feminino, e nos atributos que normalmente lhes são atribuídos⁷.

Através das fontes documentais utilizadas na construção desse trabalho, percebe-se que a transposição dessas fronteiras duais era comum: com mulheres empunhando navalhas, dando socos, se embriagando em bares e homens intimidados com mulheres valentes, ou assumindo performances femininas publicamente, numa clara demonstração do papel da cultura na construção sexual e de gênero dos sujeitos.

Numa cartografia de desejos as performances de gênero, são os elementos com a maior possibilidade de transgressão, portanto, de manutenção ou desconstrução da ordem heteronormativizada buscada com a construção de uma cartografia disciplinar.

Logo, pode-se pensar num *continuum* histórico, para se entender a relação do território central da cidade de Salvador com a marginalidade, pois a área que ao longo do século XX sofreu a perda gradativa da sua importância econômica e social, ficando associada, mesmo que simbolicamente à decadência, continuou receptiva a grandes contingentes de populares, que vivem

⁷ Os estudos de gênero ao adotarem uma perspectiva relacional de análise e da aceitação de que a complexidade das relações se deve a inexistência de um masculino e feminino universal, nos remete a inúmeras formas de existência destes referenciais que podem estar descolados da correspondência corporal, que é comumente feita, homem/masculino e mulher/feminino, ampliando a possibilidade de análise das relações cotidianas de poder.

O movimento de homens e mulheres na área pesquisada, principalmente nos momentos de maior tensão, produz uma borragem na fronteira do que deve ser o território feminino e masculino ao derrubar a relação comumente feita entre feminino/sujeição /delicadeza/passividade e masculino /autonomia/agressividade/rusticidade/atividade, abrindo espaço para a discussão da posse do atributo da virilidade e da feminilidade. Como aporte teórico é essencial a leitura de Cláudia de Lima Costa, Jane Flax, Sandra Harding, Lia Zanotta Machado, Rachel Soihet e Berenice Bento.

Acompanhar os sujeitos marginais pelas ruas de Salvador nas suas linhas de fuga é estar observando como a questão do sexo e do gênero se constituem performaticamente. Nessa perspectiva é que gênero se torna uma categoria fundamental para a análise de sujeitos marginais e da dinâmica dos seus territórios, por apontar o nível mais tenso e fluídico das relações cotidianas de poder, o que torna fundamental a leitura de Judith Butler.



ou freqüentam-na atraídos pela sua aura marginal, pelo acesso mais barato ao lazer e pela possibilidade de se socializar com base em códigos preservados há décadas no território, o que torna possível encontrar nos dias atuais pelas ruas, adros de igrejas, bares, boates e casas de jogos muitos dos tipos marginais que continuam movidos por desejos semelhantes aos dos seus pares do início do século XX.

Por fim, ao ligar esses extremos, sem a preocupação com o estabelecimento de relações mecânicas entre causas e efeitos, ao buscar entender temporalmente as transformações e permanências que constituem o processo histórico ao interligar épocas, ao interpenetrar o passado e o presente, fica estabelecido que “a incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado.”⁸ (BLOCH, 2001, p. 65).

Bibliografia

- BENTO, Berenice. **A Reinvenção do Corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2006.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BRETAS, Marcos Luiz. **Ordem na Cidade: o exercício cotidiano da autoridade policial no Rio de Janeiro:1907-1930**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- BUTLER, Judith Butler. Fundamentos Contingentes: O feminismo e a questão do “pós-modernismo”. **Cadernos Pagu**. nº 11. Campinas/SP: Ed. Unicamp, 1998.
- _____. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes. (org.). **Corpo e Educação**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2001.
- _____. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 2. ed. 2. reimp. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- _____. **A Invenção do Cotidiano**. v. 1. 5. ed. Petropolis-RJ: Vozes, 2003.

⁸ BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 65.



CORRÊA, Mariza. **AS Ilusões da Liberdade –A Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil.** São Paulo: Ed. Universidade São Francisco, 2001.

COSTA, Cláudia de Lima. O Tráfico do Gênero. **Cadernos Pagu** n. 11. **Trajetórias do Gênero, masculinidades...** Campinas-SP: Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, 1998.

ENGELS, Magali. **Meretrizes e doutores- saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890).** Rio de Janeiro: Brasiliense, 1985.

ENGELS, Magali. **Meretrizes e doutores- saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890).** Rio de Janeiro: Brasiliense, 1985.

ESTEVES, Martha Abreu. **Meninas Perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FAUTO, Boris. **Crime e Cotidiano.** São Paulo: Edusp, 1999.

FLAX, Jane. Pós-modernismo e as relações de gênero na teoria feminista. In: HOLLANDA, H. Buarque de. (org.). **Pós-Modernismo e Política.** Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

FRAGA FILHO, Walter. **Mendigos, moleques e vadios, na Bahia do século XIX.** São Paulo, Salvador: Hucitec/Edufba, 1996.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade.** 4. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GREEN, James N. **Além do Carnaval - A homossexualidade masculina no Brasil do século XX.** São Paulo: Unesp, 1999.

_____; POLITO, Ronald. **Frescos Trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina (1870-1980).** Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2004.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético.** São Paulo: Ed. 34, 2000.

_____. **Revolução Molecular – Pulsações políticas do desejo.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____; ROLNIK, Suely. **Micropolíticas – Cartografias do Desejo.** 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.



HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização – Do “fim dos territórios” à Multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2004.

_____. **Territórios Alternativos**. São Paulo: Contexto, 2006.

LEVI, Giovanni. **A Herança Imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História- Novas perspectivas**. São Paulo: Ed.Unesp, 1992.

MACHADO, Lia Zanotta. Gênero, um novo paradigma? **Cadernos Pagu** (11): *trajetórias do gênero, masculinidades...* Campinas, SP: Núcleo de Estudos de Gênero/ UNICAMP, 1998.

MACRAE, Edward. **A Construção da Igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

_____. Em defesa do gueto. In: GREEN, James N; TRINDADE, Ronaldo (orgs.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

MATOS, Maria Izilda Santos. **Cotidiano e Cultura: história, cidade e trabalho**. Bauru, SP: Edusc, 2002.

_____. **Meu lar é o botequim – Alcoolismo e masculinidade**: São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

_____. **Âncora de emoções – corpos, subjetividade e sensibilidades**. Bauru-SP: Edusc, 2005.

PERLONGHER, Néstor. **O Negócio do Michê – a prostituição viril**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. Territórios Marginais. In: GREEN, James N; TRINDADE, Ronaldo (orgs.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

PINHEIRO, Eloísa Petti. **A Cidade como História – Arquitetos e a historiografia da cidade e do urbanismo**. Salvador: Edufba, 2005.



_____. **Europa, França e Bahia- Difusão e adaptação de modelos urbanos (Paris, Rio e Salvador)**. Salvador: Edufba, 2002.

RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar: a utopia da Cidade Disciplinar – Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. **Os prazeres da noite. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1900-1930)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre, RS: Sulina; UFRGS Editora, 2006.

SANTOS, Milton. **O Centro da Cidade do Salvador – Estudo de Geografia Urbana**. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1959.

SCHWARCZ, Lílían M. **O Espetáculo das Raças- Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SIMÕES, Júlio Assis. Apresentação do texto “Territórios marginais” do Perlongher. In: GREEN, James N; TRINDADE, Ronaldo (orgs.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

_____; FRANÇA, Isadora Lins. Do “gueto” ao mercado. In: GREEN, James N; TRINDADE, Ronaldo (orgs.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária. v. 1**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.